

---

---

**ESCREVER... A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?**

Dany Al-Behy KANAAN  
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

*Abstract: In spite of the suspicion from literary criticism and a certain psychoanalysis, in relation to some work considered as a document or a testimony of someone, this communication aims at taking certain aspects of Clarice Lispector's writings as indexes, not completely safe, of a simple writing of oneself, this is, a speech whose central objective -- without any prejudice to others -- is the construction of oneself, in a subjective way. In this case, the communication is to clarify through this author's writings the motivations and movements of some writing which requires more than a simple reading, it demands an attentive complice listening to reach its purpose (overcome the guilt of "having been born in vain").*

Quando se trata de biografias, ou autobiografias, a impressão é que não há muito o que discutir. Como se os dados que aí se apresentam pudessem ser tomados indiscutivelmente como testemunhos de um vivido. Os fatos, seriam os fatos de uma vida, remetendo à história real de um sujeito concreto.

Mas, ainda que fosse assim, como saber se esse testemunho não contém os tons da fantasia, como acreditar nele, como tomá-lo como um índice que nos fornece uma base mais ou menos segura de 'verdade', como o documento que prova uma existência determinada?

Toda narrativa de si contém seu bocado de fantasia. Esta, pode até ser tomada como o índice de como essa vida pede para ser lida. De fato, para atrair o outro, toda (auto)biografia deve comportar um pouco, se não muito, de ficção. São as cores que tornam uma vida interessante ao olhar do outro, e aos próprios olhos de quem escreve; que fornecem a esse testemunho a sua poesia. Porém, quando se trata de uma obra, 'comprovadamente', ficcional, como considerá-la como documento ou testemunho de um vivido? Como remetê-la ao contexto (auto)biográfico?

Esta comunicação pretende tomar certos aspectos da escrita de Clarice Lispector como índices mais ou menos seguros de uma 'escrita de si', ou seja, de um discurso cujo objetivo central – sem prejuízo de outros – é a construção de si, num processo de subjetivação.

Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é evidenciar, na medida do possível, em textos da autora, as motivações e os movimentos de uma escrita que, para cumprir plenamente seus desígnios (reparar a culpa de "ter nascido em vão"), demanda, mais que a simples leitura, uma escuta atenta e cúmplice.

Pistas... despistamentos

Em resposta a um leitor, solicitando-lhe que não deixe de escrever sua coluna ao *Jornal do Brasil*, sob o pretexto de defender sua intimidade, Clarice Lispector comenta que não está largando a coluna, mas aprendendo um jeito de defender sua intimidade. E acrescenta:

Quanto a me delatar, realmente isso é fatal, não digo nas colunas, mas nos romances. Estes não são autobiográficos nem de longe, mas fico sabendo por quem os lê que eu me delatei. No entanto, paradoxalmente, e lado a lado com o

desejo de defender a própria intimidade, há o desejo intenso de me confessar em público, e não a um padre. (Lispector, 1984; p.97)

Clarice é especialista em 'pretextos', pré-textos. Os quais transforma em histórias. Alguém já apontou aí uma certa vocação para Sherazade.

Bem, quais seriam as pistas que Clarice deixa, sobretudo em seus romances, que delatariam sua intimidade?

De *A hora da estrela*, seu último livro, ela comenta que buscou o argumento nas marcas deixadas nela pelo Nordeste, onde morou e se criou. No olhar perdido do nordestino no Rio de Janeiro, onde mora na ocasião. Na visita que fez a uma cartomante, de quem ouviu várias coisas boas que iriam acontecer, pensando, na volta para casa, como seria engraçado se um táxi a atropelasse e a matasse após ouvir tudo aquilo, transpondo a cena à sua personagem Macabéa. Aliás, o próprio nome da personagem é uma referência explícita ao livro bíblico dos Macabeus, sendo a temática bíblica uma constante na vida e obra de Clarice. (Cf. a esse respeito o paralelo que estabeleço entre o romance citado e o livro dos Macabeus, em Kanaan, 1994.)

Outras pistas também povoam seus outros romances, além da recorrente referência aos livros bíblicos. Referências a música, pintura, matemática, lugares, coisas das quais gostava (bichos, flores etc.). A música e a matemática estão ligadas ao gosto que o pai tinha por elas; os bichos, as flores e a pintura, ao gosto da própria Clarice, por exemplo.

De maneira ainda mais explícita, encontramos contos nos quais a protagonista é a própria Clarice: criança, em 'Felicidade clandestina', 'Restos de carnaval',

'Cem anos de perdão'; adulta, em 'A legião estrangeira', 'Perdoando Deus', entre outros.

Diretas e indiretas, as pistas estão espalhadas por suas histórias. Ao seguirmos algumas delas, podemos, com certa segurança – se é que isso é possível em relação a Clarice e sua obra –, chegar a formar um retrato de Clarice Lispector. Ao menos um "esboço para um possível retrato", como Olga Borelli intitulou seu livro sobre a amiga.

Mas por que não se contentar apenas com a obra, como querem os críticos literários, deixando em 'paz' a vida da autora, ou melhor, da pessoa empírica: Clarice Lispector? Para além dos aspectos pessoais, os argumentos estão presentes (outras pistas) na obra mesma da escritora, pelo menos no meu modo de ler: "Escrevo-te porque não chegas a aceitar o que sou" (Lispector, 1973; p.88); "Você que me lê que me ajude a nascer" (ibid.; p.43); "... preciso depressa de tua empatia. Sinta comigo" (ibid.; p. 105); etc. Aí estão, a título de exemplo, alguns poucos 'pretextos' para minha leitura. Nisso que entendo como um pedido, de Clarice, para ser *escutada*, no ato da leitura.

Na maneira como constrói seus textos, Clarice deixa pistas para uma outra leitura: nos dados pessoais que espalha pela obra, nas repetições, nas lacunas da narrativa, nas construções das frases, em seu inacabamento, em suas 'contradições' aparentes etc.

Essas pistas marcam uma *presença*, a de Clarice em sua obra. É dessa presença, pois, que procuro me acercar quando estabeleço a relação entre vida e obra. No encontro com seus leitores, Clarice delata-se, 'confessa-se', diz ela. O outro com quem dialoga, ao mesmo tempo que marca sua presença na obra, assinala também uma ausência, a da

mesma Clarice, que ao escrever pode distanciar-se do conteúdo de sua escrita, dos afetos que pedem passagem e às vezes forçam um encontro. E no encontro com o outro, algo se revela, se transforma. Suas histórias ganham um novo sentido, tornam-se vivas. A escrita ganha voz, o texto ganha corpo, e pede uma escuta. Escuta outra, de um

O(outro), que pode ser ela mesma, a linguagem... Deus. Nesse seu diálogo com o 'Outro', sua palavra ganha vida, torna-se a palavra viva, a água viva: o Verbo.

O Verbo das origens. O Verbo origem de tudo. É justamente para as origens que a escritura clariceana remete. Ao dar "forma a um sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador", nas suas palavras, a escrita remete à sua falha essencial, à sua impossibilidade constitutiva de expressão, de volta às 'origens'. Uma origem perdida, que a cada vez que é dita, escrita, torna-se mais distante, inalcançável. Origem de tudo, da vida, de sua vida.

Uma outra história, então, se escreveu aí. Uma nova origem se faz presente. Assim, quem pensa, ao ler Clarice, encontrar no final um porto seguro no qual aportar, equivoca-se. O texto já é outro, a cena é outra. Clarice escapuliu. Outra Clarice surge na paisagem para tornar a esfumaçar-se. Os traços desse (im)possível retrato parecem diluir-se: "Eu tenho que ser legível quase no escuro", imagino-a murmurando. Despistamentos...

Vida e obra de Clarice são um desafio. Como foi um desafio para a crítica literária quando se deparou inesperadamente com seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, que nenhum 'gênero' podia conter. Desafio como aquele, em tom jocoso, lançado por ela aos analistas: "Sonhei que um peixe tirava a roupa e ficava nu".

(Lispector, 1984) Nus, ficam os analistas diante de tal desafio. Ficam os leitores. E uma certa Clarice também aí se desnuda.

Desafio atualizado a cada vez que abrimos um livro seu. O texto nunca é o mesmo, o sentido flui, feito a água viva, fonte sempre renovada e eterna, mas também feito a água-viva, que pode queimar os mais incautos. Desafio, por fim, a nos identificarmos com suas histórias e trilharmos o mesmo caminho que ela trilhou para constatar, ao final, que tudo o que importa é a trajetória, a busca, e sempre voltarmos de mãos vazias. Testemunho de seus personagens ao percorrerem esta via-crúcis: Joana, Virgínia, Martim, G.H., Lóri, Macabéa... Clarice. O 'Outro'.

Ao emprestar sua voz a seus personagens, estes dão corpo a esta voz e possibilitam a Clarice um verdadeiro trabalho de elaboração. Elaboração de tudo aquilo que viveu, vive e está em vias de viver... de se diferir.

Não são apenas lembranças que estão presentes em sua obra e fornecem o pretexto para sua escrita. São 'reminiscências', repletas de afetos que tomam de assalto as palavras e pedem expressão, conferindo a seu estilo um certo 'barroquismo': a escrita é por vezes repetitiva, circular, labirín-tica. Uma lembrança eclode, fornece-lhe um argumento. Eclodem as reminiscências, contra as quais o único argumento é escrever, escrevê-las, escrever-se; distraidamente, diria ela talvez.

Clarice dizia – quem a conheceu confirma o fato – que era assaltada por frases a qualquer hora do dia ou da noite: dormindo, conversando com alguém, caminhando...

daí seu 'método' de anotação imediata, num guardanapo ou pedaço de papel, ou qualquer outro lugar possível.

Reminiscências, extratos de lembranças, os quais, escritos, ajudam, mais que reconstituir, a reconstruir uma história, uma outra história, para Clarice, para seus interlocutores. Uma história, enfim, verdadeira, reinventada. Reinvenção, insisto, somente possível na relação com um outro. Esse 'Outro', para quem escreve e a ajuda nesse processo de reconstituição, reconstrução, reinvenção, com base nessas pistas que afloram. Um 'outro' retrato.

Esse outro que assinala em Clarice a possibilidade do encontro-diálogo. Seja na aproximação ou distanciamento que este permite. Pois todo diálogo pede um território comum, e também uma separação, já que nos deparamos aí com duas subjetividades em presença.

É esse movimento de aproximação-separação, distanciamento de si, sem coincidência com o outro, que podemos notar na escritura clariceana. É esse movimento que caracteriza sua obra como um processo de subjetivação.

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu. (Lispector, 1979; p.22)

Afinal, onde podemos situar, na vida de Clarice, essas marcas que viemos perseguindo? Uma 'pista', que destaque, está na crônica 'Pertencer', na qual Clarice 'confessa-se', mais uma vez, a seus leitores: ela escreve para pertencer, devido a um sentimento de não pertencimento, a nada e a ninguém, cuja origem (voltamos

a ela!) estaria em seu próprio nascimento, sentido como fracasso (marca, aliás, fundamental em sua obra), em vão; ato de graça (como a graça divina, da vida), este é sentido como de graça, sem propósito. "Quem sabe se comecei a escrever tão cedo na vida porque, escrevendo, pelo menos eu pertencia um pouco a mim." (Lispector, 1984; p.151)

'Confessa' ela na crônica: segundo ... uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdôo. Queria simplesmente que se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Eu nem podia confiar a alguém essa espécie de solidão de não pertencer porque, como desertor, eu tinha o segredo da fuga que por vergonha não podia ser conhecido. A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: *pertencer é viver*. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho. (ibid.; p.153)

Diante do fracasso de seu nascimento – "Nasci de graça"; p.151 –, Clarice vê na literatura uma forma de pertença. Escrevendo, ela passa a pertencer à literatura brasileira "e, portanto, à Mãe Pátria" (Rangel, 1992). É o mesmo Rangel quem nos lembra que saúde vem de 'salvação', o que torna mais fácil entender o sentido da



frase de Clarice: ter nascido estragou-lhe a 'salvação'. Ela foi concebida em vão. Sua escritura testemunha sua procura insistente por reparar sua falta, sentida como

... traição, como desobediência a uma lei da vida, ou seja, de saúde; e a um mandamento divino ["Crescei e multiplicai-vos"], paradoxalmente desrespeitado pelo avesso: uma filha que fracassa na impossível mas sagrada esperança de parir a própria mãe. A tragédia de Clarice é essencialmente ética, já que essencialmente determinada pelo outro. Daí a culpa que a persegue, a dívida a ser resgatada, o desejo de pertencer a algo (a lei) e a alguém (explicitamente, os próprios pais, a mãe em particular). (ibid.)

É esse o sentido de 'culpa', de 'traição' que podemos encontrar na escritura clariceana. É essa a culpa de Clarice a ser confessada e para a qual busca o perdão. Seus personagens entoam todos essa mesma falta, que justifica a "Busca".

Nascida de uma zona de silêncio, a escrita tem na palavra sua possibilidade de escuta, no encontro com o outro. É assim que a escrita clariceana só se cumpre na leitura, ou seja, é a presença do outro que articula sua escrita, dá-lhe voz, pluraliza seus efeitos, dá-lhe vida. "... a escuta é a escuta da fala como acolhimento e esta escuta é ela mesma acolher o que a fala nos oferece: 'entendemos quando fazemos parte do que é dito'. (...) O colher da escuta supõe o já ter sido acolhido e pertencer ao logos." (Figueiredo, 1994)

Sendo assim, é a interlocução, a escuta por parte de um outro, que dá veracidade às suas histórias e legitima sua existência. Da obra. "O que te escrevo é um 'isto'. Não

vai parar: continua." (Lispector, 1973; p.115) Da própria Clarice. "Eu só existo no diálogo."

Sua escrita é um apelo: 'Ouça(m)-me'. "A ordem de escutar é o apelo total de um sujeito a outro: coloca em primeiro lugar o contato quase físico desses dois sujeitos (pela voz e ouvido), cria a transferência: 'ouça-me' quer dizer *'toque-me, saiba que existo'*." (Cf. Barthes, 1987; p.140) Nas palavras de Clarice: "Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro". (Lispector, 1973; p.11)

Nesse sentido, a leitura transforma o texto em discurso; escrever significa *narrar*, ler significa *escutar*. Ao lê-la, o outro, convertido em 'testemunha', interlocutor, transforma seu 'texto', retirando-a de um possível confinamento, fixação, em uma história tomada como literalidade. Ler, entendido como escutar, é desconstruir uma cadeia de sentido fixa, obrigando-a a exteriorizar-se, renunciar à sua intimidade (cf. Barthes, 1987; p.145), entendida como retraimento em si (subjetivismo), e participar com o outro do jogo do desejo, vivido sempre em relação a um outro. Pela escuta de seu 'desejo' por parte de um outro, pela 'transferência' que aí se cria, ela chega a reconhecer-reparar a sua 'falta', ou seja, a sua 'história', 'reconhecer a sua existência'. Falta primordial, pois diz ela: "Só a falta me justifica uma Busca jamais atingida". É assim que seu texto remete a um outro 'texto', e pela escuta desse, pode *pertencer*. "O contato com o outro ser através da palavra escrita é uma glória. Se me fosse tirada a palavra pela qual tanto luto, eu teria que dançar ou pintar. Alguma forma de comunicação com o mundo eu daria uma jeito de ter. E escrever é um divinizador do ser humano." (Lispector, 1984; p.125)

Somente pensada na sua relação com o 'Outro' é que podemos dizer que a escritura de Clarice Lispector constitui um egodocumento, o testemunho de um (seu) vivido. Ou seja, somente na sua *alteridade*.

A palavra final, é de Clarice-G.H.: "Dar a mão a alguém sempre foi o que esperei da alegria". (Lispector, 1964; p.15)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSSOUN, Paul-Laurent (1996). *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Transmissão da Psicanálise, 42.)
- BARTHES, Roland & HAVAS, Roland (1987). *Escuta*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Oral/escrito. Argumentação. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- BORELLI, Olga (1981). *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. 2a. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio (1994). *Escutar, recordar, dizer. Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo, Escuta-Educ.
- KANAAN, Dany Al-Behy (1994). *Clarice Lispector: a libertação pela escrita ou A via-crúcis do corpo*. São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. (Dissertação de Mestrado.)
- LERNER, Júlio (1992). *A última entrevista de Clarice Lispector*. *Shalom*. São Paulo. 27(296):62-69.
- LISPECTOR, Clarice (1964). *A paixão segundo G.H.* 2a. ed. Rio de Janeiro, Sabiá.

- \_\_\_\_\_ (1973). Água viva. Rio de Janeiro, Artenova.
- \_\_\_\_\_ (1977). A hora da estrela. Rio de Janeiro, José Olympio.
- \_\_\_\_\_ (1979). Para não esquecer. 2a. ed. São Paulo, Ática.
- \_\_\_\_\_ (1984). A descoberta do mundo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- RANGEL, Egon de Oliveira (1992). Saúde para ler e disposição para pertencer. São Paulo, XII Bienal Internacional do Livro.